

O velho – a história de Luís Carlos Prestes e o ensino de História do Brasil republicano

*Edilza Joana Oliveira Fontes^I
Davison Hugo Rocha Alves^{II}*

Neste artigo analisaremos o documentário “O velho – a história de Luís Carlos Prestes” (1997) e sua relação com o Ensino de História, e desenvolver um debate entorno dos temas memória, história do tempo presente e Brasil republicano (1920-1990), e demonstrar que é possível ensinar História a partir da análise do documentário. Partindo da biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes entender como a linguagem fílmica apresenta os processos históricos e fazer uma relação com a historiografia, com as memórias, com o tempo presente, com silêncios, esquecimento enfatizando seu uso no ensino de história. O documentário é uma leitura do breve século XX tese defendida pelo historiador Eric Hobsbawm, em que o recorte cronológico entre 1917-1989 encerram um dado processo histórico que é o fim do comunismo.

Palavras-chaves: ensino de história, história do tempo presente, memória, documentário.

The old man - the story of Luís Carlos Prestes and teaching of History of Brazil Republican

In this paper we analyze the documentary "The old - the story of Luis Carlos Prestes" (1997) and its relationship to the Teaching of History, and develop a discussion around the themes memory, history and the present time Brazil Republican (1920-1990), and demonstrate that it is possible to teach history from the analysis of the documentary. Based on the biography of the Communist leader Luís Carlos Prestes understand how film language presents the historical processes and make a relationship with historiography, with memories, with the present time, with silence, oblivion emphasizing its use in history teaching. The documentary is a brief reading of the twentieth century thesis of the historian Eric Hobsbawm, in which the chronological cut between 1917-1989 contain a given historical process that is the end of communism.

keywords: teaching of history, the present time, memory, documentary.

Artigo recebido em 26 de abril de 2013 e aceito em 06 de setembro de 2013.

A Universidade Federal do Pará em 2012 lançou o edital de monitoria nº 001/2012, com a finalidade de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos de Graduação, ofertando para a comunidade acadêmica 50 projetos de monitoria. O nosso projeto “*A história vai ao cinema*” foi selecionado com duas bolsas. Pensamos a elaboração do projeto de monitoria, partindo da perspectiva de que o curso de História da UFPA Licenciatura e Bacharelado não possui disciplinas específicas, com enfoque no uso de fontes imagéticas e audiovisuais, na pesquisa e no ensino de História. A relação história, ensino de história e cinema não se configurava como um campo de estudo histórico no curso^{III}, isto pode ser comprovado no seu projeto político pedagógico aprovado pela Faculdade de História, em 2004.

O nosso objetivo era fazer um diálogo sobre o uso de imagens no ensino de história tendo como recorte temporal o período republicano (1930-1990). O ponto de análise foi a utilização fílmica no processo de ensino-aprendizagem, neste sentido, a ideia era debater a noção de História cultural e política recente do Brasil e a relação de produtores culturais como, cineastas, produtores, diretores, artistas como leitores da realidade brasileira em vários momentos históricos. O projeto neste sentido pretendia fazer um diálogo aprofundado com os textos debatidos em sala de aula durante as aulas da disciplina História do Brasil IV, com a linguagem cinematográfica, fazendo com que os alunos de graduação entendessem a utilização do documentário e filmes, como um documento histórico.

As atividades do projeto consistiam em realizar sessões de cinema, que ocorriam as sextas-feiras no Bloco de sala de aula do curso de História durante o horário da noite. Foram selecionados 12 documentários e filmes contendo alguns temas, que debatiam a História do Brasil contemporâneo, sempre obedecendo a uma ordem cronológica que começara nos anos 30. Foram privilegiados documentários e filmes, em que os produtores culturais trabalharam com uma perspectiva de uma história política. O nosso público eram os alunos do curso de História que haviam cursado no semestre anterior a disciplina História do Brasil IV e professores de História da rede pública e particular de ensino da cidade de Belém^{IV}.

A análise fílmica despertou o interesse de estudo dos historiadores desde a publicação de Marc Ferro^V, que colocou a problemática de analisar documentários como um dos problemas centrais da profissão do historiador. A década de 80 marca o trabalho dos historiadores querendo ampliar a possibilidade de análises sobre o passado, começaram a estudar a relação entre história e cinema, mais profundamente, os historiadores começaram a perceber que havia ainda uma forma tímida de análise das imagens em movimento. Esse aspecto singular de estudar o passado foi consolidando uma prática específica de pesquisa que acabou aprofundando na pesquisa histórica os estudos sobre a relação história e cinema, e incorporou novas problemáticas para história cultural, onde os documentários comporiam uma forma de pensar e interpretação da realidade e aos historiadores passaram a ver nos documentários leituras datadas de uma realidade, onde os produtores culturais imprimirão suas visões de mundo^{VI}.

A proposta deste artigo é estabelecer algumas reflexões a partir do documentário “O velho - a história de Luís Carlos Prestes”^{VII} de Toni Venturi, para demonstrar suas potencialidades e usos para o ensino de História. O documentário apresenta um

panorama da História do Brasil, a partir da biografia do líder comunista^{VIII} contada em 110 minutos. Tomando como recorte temporal, a revolução Russa (1917) e a queda do muro de Berlim (1989), o documentário estabelece dois marcos: um considerado como o início do comunismo como prática política de um partido que tomou o poder pela primeira vez no mundo (1917), e outro, em 1989, considerado como o fim do mundo comunista, o fim do sonho socialista, para contar a trajetória do personagem central do documentário e personificar na figura de Prestes a simbologia do comunismo no Brasil. O título “O velho”, era o codinome que o líder comunista possuía por viver durante alguns anos de sua vida na clandestinidade.

O documentário apresenta uma variada utilização de imagens, sobre diferentes assuntos da História do Brasil e com diversas temporalidades que ajudam a compreender as várias forças políticas ideológicas e sociais, que estiveram em conflito no país durante o século XX. O centro da narrativa são as memórias de Prestes que dialoga com as memórias de seus contemporâneos, de prisão, de exílio, do partido clandestino e seus familiares. A narrativa memorialística é entrecortada com imagens da época, com imagens de documentos escritos, de jornais, de mapas, de propagandas radiofônicas e televisivas que dialogam com as memórias de Luís Carlos Prestes compondo uma narrativa histórica da República no Brasil a partir dos movimentos sociais e da leitura que comunistas e membros de oposição possuem do vivido na História do Brasil. O documentário trabalha diversas linguagens, por exemplo, temos a linguagem imagética (fotos, documentários de época, pinturas, esculturas, estatuas), a linguagem sonora (sons, tiros, músicas de época, músicas de campanhas eleitorais), a linguagem escrita (cartas, panfletos, manifestos, jornais, mapas, faixas, cartazes), a linguagem literária (poemas e romances), a linguagem cinematográfica dos espaços (ruas, países, jardins, campos de futebol), a linguagem memorialística (de familiares, da esposa, de ex- detentos, membro do partido comunista, pessoas que viveram no período da ditadura militar) e dialoga com a historiografia através de avaliações feitas por historiadores sobre os processos históricos (Jacob Gorender, Yuri Prestes, Marly Vianna, Nelson Werneck Sodré, Miguel Costa).

O uso das imagens como representação do processo histórico é presente no documentário “O velho”, demonstrando que durante um determinado período da História do Brasil republicano a trajetória de Luís Carlos Prestes possui uma identidade social com a História. O argumento central do documentário é que Luís Carlos Prestes participou das lutas democráticas do povo brasileiro e junto com o PCB lutou pela democracia no Brasil.

O professor pode utilizar o documentário, para fazer um debate sobre o uso de fontes em sala de aula^{IX}, um diálogo crítico sobre a sua utilização no ofício do historiador e destacar o papel importante que se atribui as fontes na narrativa e pesquisa histórica. Uso de fontes históricas torna-se um instrumento para desenvolver, no ambiente escolar uma produção de conhecimento histórico, que supere a tradição memorialística do ensino de história na educação básica. O uso de filmes em sala de aula demonstra que o ofício do historiador, assim como o de um produtor cultural, que pretende fazer uma leitura sobre passado, precisa ter uma ampla pesquisa sobre o tema e que selecionam processos, personalidades e temporalidades.

O cineasta do documentário, Toni Venturi, e o diretor, Di Moretti, optaram por criar uma “abordagem didática por considerarem o Brasil um país sem memória”^X. As disputas pelas memórias de Prestes estão presentes durante todo o documentário, os produtores culturais não possuem uma dimensão deste aspecto, e isto, apresenta-se com uma dicotomia para o espectador, como comenta a historiadora Vitória Fonseca,

A história de Prestes e a sua imagem criada é envolta de muitas paixões: de um lado defesa quase religiosa, de outro, ataques raivosos. As controvérsias geradas pelo documentário O velho não se explica pelo que foi apresentado na tela, mas pelo que já existia na memória dos espectadores. Controvérsias que sempre tiveram presentes ao longo da longa vida de Prestes^{XI}.

Temos que ter o cuidado ao analisar a produção cinematográfica em sala de aula, pois, o professor de História necessita ter um conhecimento prévio sobre a historiografia a ser apresentado ao aluno com a exibição do documentário. O aluno tem que perceber o documentário como uma representação social, que fora criado pelo produtor cultural. A sua representação pode ser pensada a partir desta perspectiva, e o professor de História precisa perceber os limites e possibilidades da narrativa fílmica para a aprendizagem histórica.

O estudo do tempo presente^{XII} na sala de aula permite com que o aluno compreenda o conteúdo ministrado pelo professor, refletindo sobre seu tempo. Segundo a historiadora Marieta Ferreira^{XIII} “a história do tempo presente lida com a memória viva de seus contemporâneos, que influenciam fortemente seu trabalho com questões que dizem respeito à legitimidade da sociedade que vivemos”. Os estudantes são levados a pensar que não existe uma verdade histórica e que ensinar História é um ato político e epistemológico, sendo duas coisas indissociáveis^{XIV}. Os professores de História ou historiadores fazem interpretações a partir de relatos do passado com fontes selecionadas, ou seja, o objeto do ensino de História consiste na ideia de mostrar aos alunos qual (is) o(s) método (s) que levou o professor a “contar” aquela narrativa sobre o passado.

O documentário O velho – a história de Luís Carlos Prestes tem como pretensão ser um exemplo de estudo sobre a história do tempo presente, na medida em que adota como ordem cronológica o breve século XX (1917-1989). Denominação utilizada por Hobsbawm quando nos remete a ideia de que o tempo presente, como um campo historiográfico, é definido como a “história do nosso próprio tempo”^{XV}, no entanto não existe um consenso no campo historiográfico sobre os limites cronológicos de estudo para o tempo presente^{XVI}. O eixo da narrativa do documentário “O velho – a história de Luís Carlos Prestes” possui duas linhas que são: a história do Brasil e a biografia do líder comunista. Neste artigo analisaremos apenas quatro especificidades que consideramos de importância para o ensino de história:

1. O documentário pode configurar-se um elemento que possui uma relação próxima com a historiografia abordada em cada período da História do Brasil republicano. Os produtores culturais encontraram uma solução para a dificuldade narrativa da biografia do líder comunista, que pode ser percebido a partir do momento em que se tem como opção adotar uma estrutura linear que contempla alguns eventos que se tornam importantes para a História do Brasil e que tem relação direta com a vida do líder comunista Luís Prestes. O professor para usar o documentário em sala de aula

após fazer uma análise do roteiro fílmico^{XVII} para facilitar o entendimento do documentário com a turma. O conhecimento prévio sobre a historiografia do tema antes de ser apresentado o filme para o aluno, pode facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

O diálogo com a historiografia torna o documentário um documento histórico interessante. O filme torna-se um recurso estratégico interessante, pois, os produtores culturais utilizaram uma metodologia inovadora em relação ao livro didático, que ainda está preso aos “clichês historiográficos” e não possuem uma atualização nos processos históricos. Os produtores culturais realizaram uma ampla pesquisa e montaram o documentário fazendo um debate com a historiografia e com os historiadores^{XVIII}, cruzando as memórias de Prestes com documentos de época, imagens e arquivos familiares. Essa atuação serve para revelar como o filme torna-se um elemento importante de construção de significados, sobre uma determinada leitura do passado.

O professor em sala de aula pode levantar o debate sobre a produção do conhecimento histórico e perceber quais são os rumos da narrativa histórica, e fazer com que o aluno compreenda que toda história tem uma dimensão interpretativa e lida com a subjetividade do historiador. Durante o documentário há temas que são abordados com um profícuo debate historiográfico e que tem a participação de Luís Carlos Prestes em destaque, por exemplo, a coluna Prestes, o movimento de 35^{XIX}, o Estado Novo e a Anistia.

2. O uso das memórias no documentário é outro aspecto importante, torna-se elemento estruturante, pois, a memória de Luís Carlos Prestes confronta-se com a memória de ex-líderes comunistas, tenentes, presos políticos, ex-exilados etc, possuindo uma identidade coletiva^{XX} que colocam a memória de determinados processos históricos em disputa. As memórias sobre o passado recente da História do Brasil pode ser apresentado a partir do papel que os entrevistados assumem no documentário “o velho – a história de Luís Carlos Prestes”, eles tem um destaque relevante dentro da construção do eixo narrativo, pois, dependendo da temática a ser debatida possuem diferentes pontos de vista. As memórias de Prestes sobre a coluna são depoimentos importantes para uma análise histórica, vejamos:

Essa realidade me impressionou muito por que nós estávamos lutando exclusivamente e a nossa meta é contra o Bernardes, substituir o Bernardes, mas diante desse quadro chegamos à conclusão de que estamos diante de um problema social muito sério e nós éramos ignorantes^{XXI}.

O documentário usa muitas memórias, sobre vários assuntos. Neste ponto é importante o professor debater com os alunos os depoimentos como fontes para uma história do tempo presente. O uso das fontes históricas, a possibilidade dos alunos entenderem que todo tem memórias e que há uma história a ser construído a partir destas memórias, abre o debate sobre a importância de conhecer suas histórias de vidas^{XXII}. As memórias apresentam uma narrativa sobre uma determinada historicidade demonstrando posicionamentos ideológicos, por exemplo, temos o depoimento de ex-detenta Beatriz Riff, sobre as memórias da prisão com Prestes em 1935, lembrando às canções revolucionárias como a versão da cidade maravilhosa e os momentos de tortura durante a prisão no governo Getúlio Vargas,

Bom, cantar, eu não avaliava que fosse uma coisa tão importante para eles, depois de estar solta já recentemente é que eu fui ver realmente era importante. Uma voz cantando para quem está preso. Segurava-me na grande e cantava. Cantava todas as canções revolucionárias, tinham a versão do hino nacional que eu não me lembro, e tinha essa versão da cidade maravilhosa, que era Praia Maravilhosa, cheia de balas mil, vermelha, e radiosa, sentinela do Brasil^{XXIII}.

A memória como nos diz Barros^{XXIV} corresponde um processo parcial e limitado de lembrar o passado, ou aquilo que um indivíduo representa como passado. O professor Nora^{XXV} mostra a importância dos estudos sobre a memória quando argumenta que esta “é a vida, sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido, ela está sempre em evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, (...) vulnerável a todos os usos e manipulações”. Esse ponto é fundamental para o professor perceber que os depoimentos, que aparecem no documentário são uma leitura do passado que precisa ser confrontada com outros documentos e analisado pelos historiadores.

3. As imagens do documentário enriquecem o conhecimento histórico em sala de aula e apresentam o conteúdo para o aluno a partir de uma perspectiva que não tem o olhar do historiador, o professor pode fazer uma leitura imagética com seus alunos, selecionando alguns eventos importantes que marcaram determinada época da História do Brasil. As imagens são consideradas representações produzidas por seres humanos nas sociedades em que vivem, elas fixam o conteúdo ministrado em sala de aula e demonstram outra relação com a historiografia. O documentário apresenta algumas imagens interessantes sobre alguns temas selecionados da História do Brasil, por exemplo, o professor pode ao debater determinado tema em sala de aula relacionando as imagens:

- a) **Sobre movimento tenentista:** Temos imagens sobre o levante militar conhecido como “Os dezoito do Forte de Copacabana”, quando apresenta imagens da rebelião dos tenentes, na cidade do Rio de Janeiro. A cidade de São Paulo sendo bombardeado pelos tenentes como resistência ao governo do presidente Arthur Bernardes, neste momento, o documentário apresenta uma trilha sonora com som triste e fúnebre demonstrando o sofrimento das pessoas e a cidade destruída, por exemplo, o professor pode atentar o aluno para a frase “Dias mais sombrios escureceram o horizonte da Pátria. São Paulo foi flagelado pelo bombardeio”^{XXVI}. As imagens da cidade são confrontadas com as memórias do ex-tenente e historiador Miguel Costa Júnior,

Desde o dia 9 de julho até o dia 27 de Julho para o dia 28 de julho mais de 100 mil homens sitiaram São Paulo, parecia à noite quem olhasse os morros, São Paulo parecia um bolo de aniversário cheio de velhinhas que era os incêndios de São Paulo (.....) os revolucionários resolveram se retirar. E se retiraram tão calmamente, (.....) que só no dia seguinte o governo ficou sabendo que a cidade estava vazia^{XXVII}.

- b) **Sobre a coluna Prestes:** A saga dos tenentes é registrada no documentário a partir de imagens que fixam a atuação dos tenentes em vários estados do Brasil e fora do país, afirmando que este foi um movimento bem organizado, com 1.500 homens e percorrendo 25 mil quilômetros, atravessaram 13 estados brasileiros e promulgavam uma revolução. O documentário propõe obter informações a partir de depoimentos sobre a passagem da coluna, sua receptividade no interior do Brasil. O professor pode

propor atividades aos alunos, como pesquisar nos jornais da cidade, para ver como foi registrada a passagem da coluna. Ao comentar a atuação de Prestes em relação à chegada de Getúlio Vargas ao poder, o professor, deve debater o documentário, dialogando com livro didático. Analisar por exemplo que Prestes foi convidado para comandar a revolução de 30, no entanto, o “cavaleiro da Esperança” não aceita assumir o processo revolucionário de 30 e segundo Prestes lança um Manifesto em Maio repudiando os rumos da revolução brasileira liderada por Getúlio Vargas.

c) **Sobre a revolução de 30:** O professor pode explorar as imagens do presidente Getúlio Vargas, a sua atuação com os gaúchos e a tomada do poder no Rio de Janeiro em 30. A euforia da população carioca comemorando os rumos da revolução saudando os tenentes e o presidente Getúlio Vargas, que assumem o palácio do Catete. A foto de Miguel Costa e Getúlio Vargas, que aparece em alguns livros didáticos. As memórias de Luís Carlos Prestes são apresentadas a seguir onde ele faz um balanço sobre o episódio de 30 e a sua postura frente o movimento quando diz que

Até hoje ninguém compreende. Acha que eu devia ter participado, por que então mudava o destino do movimento. Era um equívoco pensar que um homem sozinho poderia fazer alguma coisa. Eu era um general sem soldados. Por que os meus soldados eram os tenentes. Eram eles que tinham me elegido como chefe militar da revolução. E eles todos ficaram com Getúlio e eu ficava contra. Contra o Getúlio^{XXVIII}.

d) **Sobre o movimento de 35:** O professor pode explorar as imagens presente no documentário sobre os levantes de Novembro de 35, que estavam sendo arquitetados por Prestes desde a sua viagem a Moscou. A tradição de luta armada na sociedade brasileira e os traços do tenentismo foram essenciais para a eclosão do movimento revolucionário no Brasil. A fundação da ANL (Aliança Nacional Libertadora), em 30 de março de 35, teve como liderança máxima Luís Carlos Prestes e consequências importantes para a organização, do levante de 1935. Era uma associação constituída de aderentes individuais e coletivos, com a finalidade de defender a liberdade e a emancipação nacional e social do Brasil.

O documentário tem imagens sobre os integrantes do movimento comunista de 35^{XXIX}, possuem também imagens da casa onde Olga e Prestes viveram no bairro Meier, em 1936, quando foram capturados pelo governo Vargas. Apresenta alguns jornais de época sobre os acontecimentos políticos durante a explosão do movimento de 35, como “ANL! Luiz Carlos Prestes vos concita pela liberdade! A Aliança Nacional Libertadora!”, “Estalou um movimento de caráter comunista no norte do paiz”, “Tropas da Parahyba avançam sobre natal – retiram-se para o interior os rebeldes que estavam concentrados em Jaboatão”; “Serão bombardeados os rebeldes! O governo mandou a aviação e a artilharia os insurretos de Recife!”; “O governo ataca – os revoltosos abandonam Natal embarcando a bordo dos Santos”. O professor ao explorar o jornal demonstra o seu potencial para explicar os processos históricos.

e) **Sobre o apoio a Vargas e o comício do Pacaembu:** O documentário apresenta imagens sobre o seu apoio a Getúlio Vargas durante o movimento queremista em uma imagem duvidosa, onde aparece Getúlio Vargas discursando, dando a entender que Prestes segura o microfone, o que não é verdade. O papel político de Prestes durante o

período democrática (1945-1964) é colocado em evidência, o professor pode fazer um contraponto em relação ao livro didático que neste momento político não tem como sujeito histórico a ação dos comunistas, por exemplo. O comício realizado em São Paulo, em 1946, pode ser colocado em destaque com imagens de Prestes saudando o povo paulistano e a sua foto, de Prestes, falando ao povo em cima de um caminhão. O comício “São Paulo a Luís Carlos Prestes” tornou-se uma referência para o período histórico, pois, foi considerado um marco decisivo na marcha para a democracia após a ditadura de Vargas.

f) **A morte de Getúlio Vargas:** Uma imagem interessante que tem destaque no documentário é sobre o suicídio de Vargas, o professor pode trabalhar em sala imagens do período, como: o comício de Getúlio e a sua popularidade, os opositores ao regime nacionalista como Carlos Lacerda e o atentado a Rua Toneleros, a perseguição aos comunistas. Ao explorar as imagens da comoção popular no Rio de Janeiro, a foto de rosto de Getúlio morto, as pessoas em volta do caixão, o incêndio a caminhonetes da Tribuna da Imprensa de Lacerda e do jornal A voz Operário fixam as informações sobre o momento de crise política que estava vivendo o Brasil com a morte de seu presidente. O professor pode utilizar as imagens do suicídio de Vargas e ressaltar o momento de instabilidade política que vivia a democracia no Brasil.

g) **O Plebiscito de 1962 e o governo Goulart:** O documentário apresenta imagens do presidente João Goulart entre os militares, imagens de época dele descendo a rampa do Palácio do Planalto com o ministro Tancredo Neves em meio à crise institucional causada com a renúncia de Jânio Quadros. O professor pode explorar as imagens televisivas, por exemplo, quando ocorre, em 1962, o plebiscito presidencial havia um ponto de tensão entre setores da sociedade, como demonstra a reportagem selecionada no documentário “hoje é o grande dia da democracia, é o grande dia da liberdade, é o grande dia da independência. Aqui estamos para levar aos lares de São Paulo... 1962, eleito por você, por nós, que representamos o povo, o senhor João Goulart”^{XXX}. O professor pode debater com seus alunos, o valor que a democracia possui e demonstrar que este processo político foi algo construído dentro da História política do Brasil, que foi marcado por crises institucionais e ditaduras militares.

h) **O período da ditadura militar:** O golpe militar de 64 tem destaque no documentário há imagens que o professor pode trabalhar em sala de aula, por exemplo, as tropas marchando em direção à câmera, os tanques de guerra e a tomada da cidade do Rio de Janeiro e os soldados marchando. Algumas cenas de euforia e protesto contra o governo militar é apresentado, a atuação da polícia em relação aos estudantes que são duramente reprimidos, há imagens de pessoas correndo do confronto na rua da polícia enfrentando o regime, o professor pode apresentar aos alunos após este conjunto de imagens o momento político que o Brasil estava e fazer o debate em relação ao discurso historiográfico que o livro didático traz sobre o tema.

No documentário o depoimento de Prestes faz um balanço sobre o momento político instaurado no Brasil e como fora atuação dos comunistas argumentando que “todos nós fomos derrotados em 64, o partido comunista, o movimento nacionalista democrático e a classe operária. A classe operária sofreu a pior derrota que é a derrota sem luta”^{XXXI}. O professor pode fazer um debate com a atual discussão sobre os revisionismos históricos promovidos pela comissão da Verdade, demonstrando que o

documentário é uma construção de uma determinada cultura histórica que sempre refaz a narrativa com o devir do tempo.

O professor a partir da linguagem fílmica sobre os anos de chumbo no Brasil, pode a partir do documentário debater a repercussão sobre a institucionalização do AI-5, a ação de jovens militantes em favor da luta armada contra a ditadura militar, que foram acusados de sequestros, torturas, assaltos a banco, repressão tornando-se cenas cotidianas da política brasileira e com o desaparecimento de pessoas consideradas subversivas, o professor pode fazer um debate com o atual diálogo historiográfico sobre o movimento de 1964.

4. Os personagens apresentados no documentário são personalidades políticas importantes dentro da História do Brasil republicano, são considerados importantes nos eventos históricos que aconteceram entre 1922 a 1990 quando ocorre à morte de Luís Carlos Prestes. Os produtores culturais optaram por construir uma narrativa cronológica que o professor pode trabalhar em sala de aula, como representações da realidade histórica.

A história narrada pelo documentário apresenta alguns personagens históricos importantes que tiveram uma ampla influência na vida política de seu protagonista principal Luís Carlos Prestes, por exemplo, temos os presidentes da República Getúlio Vargas, João Goulart, Arthur Bernardes, Eurico Dutra, Costa e Silva, Jânio Quadros e o general Emílio Médice. O professor em sala de aula demonstra a relação dos temas que serão estudados durante o ano letivo e como estes personagens são importantes, pois, dialogam com uma historiografia específica e acaba com isto “dar vida” aos personagens. Espera-se com esse destaque que o aluno compreenda a historicidade com outro sentido, pois, a historiografia escolar limita o conhecimento histórico ficando restringindo-se ao uso de manuais didáticos e conformando-se em um distanciamento entre a história e a historiografia.

Os temas abordados pelo documentário O velho - a história de Luís Carlos Prestes permite assim a partir da linguagem cinematográfico do professor de História fazer “um passeio” pela História do Brasil. Uma oportunidade para que o aluno perceba que assim como o livro didático é feito a partir de um recorte, com diversos documentos e também com a exclusão de outro, o produtor cultural também faz a mesma metodologia, nos levando a conclusão que a História não é uma ciência estática.

O historiador em seu tempo reinventa o passado e escreve a História a partir de suas fontes escritas, orais, iconográficas etc. Assim, a professora Selva^{XXXII} nos conclui com a ideia de que o professor de História “nesse universo de ampliação de temas, problemas e fontes, deve estar atentos para o fato de que ninguém poderá aprender nem ensinar tudo de tudo, o trabalho de selecionar é uma exigência permanente, e, nele, a figura do professor possui enorme importância”^{XXXIII}.

O documentário pode ser trabalhado em sala de aula sendo recortado, podemos afirmar que este é uma História do Brasil inserido assim a vida do comunista Luís Carlos Prestes. O documentário teria como função fazer uso do passado no presente para demonstrar que o povo brasileiro tem uma história, tem um passado que precisa ser lembrado. O historiador Hobsbawm em seu livro Sobre História (2011), nos lembra de

que os historiadores “são aqueles que lembram os que os outros esquecer”^{XXXIV}, o documentário neste sentido, pode ser usado como uma representação do passado para mostrar que este documentário é uma leitura de um determinado momento da História do Brasil.

Este artigo ao refletir sobre o potencial pedagógico que o documentário possui para o ensino de História teve como objeto de pesquisa o documentário “O velho”, para demonstrar que o uso do documentário e o filme, em sala de aula pode ser um excelente recurso para o ensino, não para ilustrar a aula, mas para demonstrar que é possível ensinar História do Brasil, a partir de uma ótica, que é a seleção de documentários produzidos por produtores culturais, por que estes possuem uma leitura da história do Brasil, que precisa ser confrontada com a narrativa historiográfica. As imagens audiovisuais dinamizam o conteúdo histórico em sala de aula, gerando questionamentos em relação ao lido, ao debatido confirmando que a cultura histórica pode ser analisada dependendo das fontes que o historiador/professor utiliza em sala de aula.

O professor ao deslocar a atenção do aluno usando a linguagem audiovisual nas aulas aproxima-se da realidade midiática, que é muito presente no cotidiano dos alunos, podendo com isso encontrar um caminho para despertar o interesse do aluno pelo conhecimento histórico. A escolha deste documentário decorreu da possibilidade de usá-lo como algo representativo na discussão sobre temas políticos da História do Brasil, percebendo assim seus usos e interpretações na sala de aula. A intenção é fazer um contraponto de análise sobre o passado, onde o professor de História a partir da interpretação fílmica debaterá os limites que o livro didático possui sobre determinado conteúdo, essa posição permite criar um ambiente de pesquisa e contribuir para a visão de história-problema.

Para tornar possível essa proposta pedagógica o professor de História precisa ter uma cultura de pesquisa e perceber a potencialidade que o documentário pode trazer para o seu processo de ensino e aprendizagem. Tenho como pressuposto de que todo documentário torna-se um registro de uma época, e que pode o professor identificar, ilustrar e problematizar criticamente o debate historiográfico proposto. O uso do documentário como estratégia pedagógica, auxilia o trabalho do professor de História em contextualizar o conhecimento histórico dentro do processo educativo, ou seja, o professor ao trabalhar com a linguagem cinematográfica em contraposição a análise do livro, coloca em questão na sala de aula uma forma de compreender e representar o mundo. O ato educativo diante das atuais perspectivas pedagógicas propõe diversas abordagens e múltiplas respostas em relação à qualidade da educação.

A reflexão, a consciência crítica e a construção do conhecimento são elementos que as estratégias didáticas aliadas à educação, como os documentários, podem proporcionar ao ensino de História uma melhor aprendizagem. Uma leitura de mundo que confirma a historicidade não tem somente uma versão do passado e a cultura escolar deve-se apropriar dos usos do passado no ensino e problematizar novas questões no processo de aprendizagem. O professor de História ao usar o documentário na sala de aula possibilita o aluno a ter uma consciência histórica crítica, pois, faz com que este compare, reflita, analise vários pontos de vista para fazer sua própria análise sobre as interpretações do passado.

O uso de imagens no Ensino de História analisado pelo olhar cinematográfico permite com que o professor demonstre diversas versões historiográficas nas aulas de História. Ao entender a História do Brasil a partir da análise do documentário “O velho” permite ao professor, ver este de forma crítica, não como uma verdade sobre o passado histórico do Brasil, mas como uma representação do mundo e de uma versão sobre a história. As imagens constroem uma visão de História do Brasil que precisa ser analisado como um documento que é produzido por um grupo de produtores culturais dentro de uma determinada sociedade. Nos anos de produção do documentário já havia a pesquisa historiográfica sobre vários assuntos relatados e analisados no documentário, desta forma os produtores culturais podem “beber”, dialogar com os historiadores, nas suas narrativas fílmicas, demonstrando o entendimento sobre o governo de Getúlio Vargas, por que tinha a sociedade brasileira dos anos 90.

O documentário ao demarcar a trajetória de Luís Carlos Prestes como o fio condutor da narrativa possibilita o seu uso e entendimento dentro da História do Brasil, ao fazer uma pesquisa contendo uma diversidade de fontes sobre os temas políticos do Brasil republicano, percebemos que as representações favorecem o processo de ensino e aprendizagem e estimulam o aluno a ter interesse pelo ensino de História. Torna-se um espaço de análise sobre o passado e que o professor ao trazê-lo para sala de aula, dinamiza o conhecimento histórico e problematiza a discussão historiográfica sobre o uso de fontes, sobre a narrativa histórica, sobre o uso das memórias no tempo presente, sobre a lógica e as ações dos sujeitos históricos e sobre a importância do conhecimento do passado para o entendimento do presente.

NOTAS

^I Professora Associada II da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará. Professora do programa de pós-graduação de ciência política da UFPA e do Programa História Social da Amazônia/UFPA. Coordenei o projeto de monitoria “a história vai ao cinema”, este foi financiado pela pró-reitora de Extensão (PROEX). e-mail: edilzafontes@yahoo.com.br

^{II} Graduando em História Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal do Pará, e bolsista do projeto de monitoria “a história vai ao cinema” em 2012. e-mail: davison.hugo@gmail.com.

^{III} O curso de História recentemente teve a sua grade reformulada, no entanto, quando pensamos o projeto de monitoria o curso centrava-se na seguinte estrutura: História Geral (História Antiga, Média, Moderna e Contemporânea), História do Brasil (Colônia, Império e República), Teoria da História I, II e III; História da América I, II e III; Metodologia da História da I e II; Disciplinas Optativas (História Agrária, História da Civilização Ibérica, História da Arte; Ciência Política); Antropologia Cultural I e II; Estágio Supervisionado I, II, III e IV; Seminário Temáticos de História e Educação; Seminários Temáticos de Filosofia e Educação; Psicologia do Ensino e da Aprendizagem; Monografia I e II; Historiografia da Amazônia; História da África e História Indígena e do indigenismo.

^{IV} Durante o projeto houve a ideia de trabalhar o cinema com outras disciplinas da graduação, que dialogam com os temas do período estudado, por exemplo, os documentários “Adeus, Lênin” e a “A Batalha de Argel” foram algumas sessões do projeto de monitoria que aconteceram dentro da disciplina História Contemporânea II.

^V Ferro, Marc. **Cinema e História**, Rio de Janeiro, Paz e terra, 1982.

^{VI} Lucas, 2010, 159.

^{VII} O documentário ganhou o prêmio no concurso Prêmio Resgate de 1993. No ano de 1994 iniciaram a produção fílmica. As entrevistas foram feitas no ano de 95 e a montagem do documentário foi em 96. As premiações do documentário foram: em 1996, ganhou o 2º festival Internacional de Documentários “É tudo verdade”, em 1997 ganhou o prêmio de melhor documentário no 5º festival de Cinema e vídeo

realizado na cidade de Cuiabá, e neste mesmo ano ganhou o prêmio de Resgate histórico da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e estreia no cinema.

^{VIII} Para uma análise sobre a vida de Luís Carlos Prestes e sua atuação política no Brasil durante a república, ver PRESTES, Anita; 2008, PRESTES, Anita, 2006; PRESTES, Anita, 2012.

^{IX} Sobre o uso de fontes históricas em sala de aula ver CAIMMI (2008); PEREIRA (2008).

^X Ibid. Op.Cit.pp.60.

^{XI} Ibid. Op.Ctit. pp.53.

^{XII} Para o estudo da história do tempo presente ver Ferreira (2011), Hobsbawm (2011).

^{XIII} FERREIRA, 2002, 323.

^{XIV} PEREIRA, 2007, 152.

^{XV} HOBSBAWM, Eric, 2011.p.249.

^{XVI} Ferreira, 2002, 320.

^{XVII} Segundo Napolitano (2009) o professor pode apresentar ao aluno a ficha técnica do filme: título original, diretor, país, ano, duração, produtores/distribuidores, atores, roteiristas, montador, fotógrafo, cinegrafista, efeitos especiais.

^{XVIII} Durante o documentário temos o depoimento de diversos historiadores como Marly Vianna, Nelson Werneck Sodré, Miguel Costa e Yuri Ribeiro, no entanto, a sua filha Anita Prestes, atualmente historiadora e professora da UFRJ, não participa.

^{XIX} O movimento de 35 foi demonstrado no documentário como um acontecimento mal elaborado e sendo algo precipitado por Prestes, podemos perceber que as imagens constroem uma visão do processo revolucionário e demonstram a sua ligação com o movimento tenentista.

^{XX} POLLAK, 1989, 4.

^{XXI} Trecho retirado do documentário “O velho”, Venturi (1997).

^{XXII} POLLAK, 1992, 203

^{XXIII} Trecho retirado do documentário “O velho”, Venturi (1997).

^{XXIV} BARROS, 2011, 318.

^{XXV} NORA, 1993.

^{XXVI} Trecho retirado do documentário “O velho”, Venturi (1997).

^{XXVII} Trecho retirado do documentário “O velho”, Venturi (1997).

^{XXVIII} Trecho retirado do documentário “O velho”, Venturi (1997).

^{XXIX} O documentário é um instrumento interessante sobre o caso de 35, pois, apresenta um debate com os historiadores, auxiliando a compreensão do livro didático.

^{XXX} Trecho retirado do documentário “O velho”, Venturi (1997).

^{XXXI} Trecho retirado do documentário “O velho”, Venturi (1997).

^{XXXII} A professora Selva Fonseca Atualmente é Pesquisadora de Produtividade do CNPq, Professora Associada do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFU, Membro da ISHD (International Society for History Didactics).

^{XXXIII} FONSECA, 2010, 27.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D’assunção. **Memória e história. Uma discussão conceitual.** Revista Tempos Históricos, volume 15, 1º semestre de 2011, pp.317-343.

CAIMMI, Flávia. **Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento escolar?** Anos 90. Porto Alegre, v.15, n.28, p.129-150, dez.2008;

FERREIRA, Marieta. **História, tempo presente e história oral.** Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** São Paulo: Paz e Terra. 2010.

FONSECA, Vitória Azevedo. **O cinema na História e a História no cinema: pesquisa e criação em três experiências cinematográficas no Brasil dos anos 1990**. UFF: Niterói, 2008. [tese].

FONSECA, Selva Guimarães e SILVA, Marcos. “**Ensino de História: errâncias, conquistas e perdas**”. Revista Brasileira de História, v.31, nº 60, p.13-33, 2010.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1989)**. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

_____. Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

Lucas, Meize Regina. **Cinema, história e cultura visual**. Cury, Claudia; Flores, Elói; Cordeiro Jr e Raimundo Barroso. In: Cultura história e historiográfica: legados e contribuições do século XX. Editora UFPB: João Pessoa. 2010

MORRETIN, Eduardo. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. História e Cinema**. CAPELATO, Maria; MORRETIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias (org.). Editora Alameda: São Paulo. 2011.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História n.10. Revista do Programa de Estudos Pós - Graduados em História do Departamento de História. São Paulo, 1993.

PEREIRA, Nilton Mullet. **O Ensino de História e o presente**. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 151-166, jan./jun. 2007.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula**. Anos 90. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez.2008.

PRESTES, Anita. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)**. 03. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Luiz Carlos Prestes: patriota, revolucionário, comunista**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. **Luiz Carlos Prestes: o combate por um partido revolucionário (1958-1990)**. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, nº 3, p. 3 15, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, nº 10, p. 200 - 215 1992.

